

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Officina Typographica
Rua de S. Paulo 216

Quarta-feira 15 de novembro de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes 300 reis
Provincias, 6 mezes 680 •
Numero avulso 60 •
Anuncios preço convencional

O TRANSVAAL

III

Foi em 10 de outubro, ultimo, isto é ha mais de um mez, que o presidente Kruger dirigiu ao governo britannico o seu *ultimatum*, tomado por alguns jornalistas nosos como uma demonstração de temeridade insolita e de arrojo que estava pedindo as mais severas punições; considerado, pelo contrario, por altos espiritos europeus e por cabeças diplomaticas de primeira ordem, como *uma obra prima de logica e de bom senso*.

A Convenção de 1884 não concedia á Inglaterra nenhum direito de ingerencia sobre o Transvaal, no respeitante á situação dos estrangeiros. Quando mesmo o Transvaal se recusasse a acceder ás reclamações dos *uitlanders* apoiados pela diplomacia ingleza, ninguém o podia accusar de exorbitancia dos seus direitos, pois a verdade é que, procedendo d'esse modo, mantinha-se no campo do direito stricto.

Ora o Transvaal não o fez; collocou-se, pelo contrario, muito longe da intransigencia absoluta; teve condescendencias de povo sensato e de Estado previdente que procura afastar os males impendentes para o mais longe que lhe é possivel; não respondeu ás exigencias britannicas com um terrivel e inexoravel *non possumus*, como a outras exigencias da politica civil respondeu em tempo a theocracia papal; pelo contrario, prestou-se ás negociações, e consentiu em assegurar aos estrangeiros residentes a franquia e o direito eleitoral ao fim de cinco annos.

Isto era, manifestamente, acceder ás propostas e diligencias de Chamberlain, e foi, por isso mesmo, que tal concessão, tão inesperada, desnorteou o estadista inglez. Não entrava nos seus calculos o encontro com a docilidade e com a complacencia transvaaliana; o que entrava n'elles era o embate com uma resistencia formal e pertinaz; e era esse embate que lhe convinha para justificar aos olhos do mundo, — se tal justificação se pôde ter como admissivel, — a necessidade da guerra.

Porque a verdade, incontestavel e plena, é esta: a Inglaterra, ou antes e muito antes, os interesses inglezes a cujo serviço Chamberlain poz a sua auctoridade e a sua influencia, o que precisavam, o que queriam, era a guerra, e só a guerra.

O Transvaal sabia-o desde ha muitos annos; e procurando arredar-a do seu caminho, á força de paciencia e de tolerancia, não deixava, todavia, de se preparar incessantemente para quando ella desabasse, exercendo n'este ponto o mais sagrado dos seus direitos, e cumprindo, como povo, a maior das suas obrigações.

Pois com isso mesmo lhe fazem carga aquelles que, entre nós, se inflamem com desusado ardor, e com a mais extranha e injustificada das animadversões, contra o pireito e contra a justiça dos boers. Não

queriam que elles estivessem armados, que elles estivessem preparados, para resistirem, quando fosse preciso, á maior violencia dos seus oppressores. Estavam-o? Eram, portanto, elles, os que desejavam a guerra; foram, portanto, elles os que a motivaram com premeditação!

Extranho raciocinio, que mal sabemos accomodar com a lucidez habitual dos cerebros onde elle é gerado, e que nos surprehede por lhe não reconhecermos necessidade, nem explicação.

Que tal modo de pensar affecte ser aquelle a que as explicações diplomaticas dão curso, isso entende-se, pois a diplomacia tem a sua linguagem toda de formalismos e conveniencias, e sabe cobrir com reservas capciosas e com desnaturações dos factos mais evidentes, as perfidias que se compraz em elaborar. Mas que affecte pensar da mesma maneira, quem, pelo seu entendimento claro, não pôde ser extranho á verdade que se lhe impõe, e quem, pela sua posição individual, nada tem com as responsabilidades que a diplomacia assumiu, e nenhuma intenção reservada precisa disfarçar nem encobrir, isso é o que nos parece menos explicavel.

Pois é isso o que entre nós se está vendo, com uma insistencia, que se pôde dizer excepcional em toda a Europa, e que nem a propria Inglaterra nos ha de agradecer muito; pois a Inglaterra não aprecia lisonjas, nem d'ellas tem necessidade.

Veja-se como ella apreciou, nobremente, na presente conjunctura, a attitude official do Canadá.

N'esta sua colonia, largamente autónoma, prepondera um certo officialismo subserviente, que se tem attestado nos ultimos tempos pelo seu exaggerado culto ao ideal imperialista, creado por Beaconsfield, e que tão fundas raizes tem lançado no jingoismo britannico.

Ora, esse officialismo lisongeiro, que não é o interprete de um sentimento popular e puro, logo que se annunciou a guerra, preparou um destacamento voluntario, para o pôr á disposição do governo inglez, e annunciou o offerecimento de um contingente de cinco mil homens, para ajudar a metrópole a suffocar as republicas da Africa do Sul.

O governo, que tem interesse n'isso, não tem duvida em aceitar e aproveitar o acrescimo de forças que lhe é offerecido; mas a opinião publica ingleza, que não é o governo inglez, reprova asperamente os sentimentos que a offerta do Canadá revela, lamentando que elle escolhesse tão triste oportunidade para demonstrar á Inglaterra a sua dedicacão. Quizera que o fizesse, quando o inimigo fosse mais poderoso, e quando a causa d'elle fosse menos justa. E se os dirigentes do governo do Canadá compraram com a sua baixaza quaesquer boas graças do governo inglez, o que não compraram, de certo, foi para o Canadá as sympathias publicas da opinião em Inglaterra.

Estava, pois, o Transvaal preparado, como se tem visto, e até onde lhe era possivel, ou ainda mais, para a contingencia provavel da guerra, que toda a sua prudencia de longos annos não evitou. Sabia-o, com perfeito conhecimento, o governo britannico? Parece, pelos factos que se tem dado, que não possuia a tal respeito as mais cabaes informações. No entanto, vê-se que não fazia idéa completamente falsa dos recursos do seu adversario, pois, á medida que a sua diplomacia protelava as negociações, com as quaes ia preparando o fim a que visava, a sua administração militar ia accumulando a maior somma de elementos offensivos, para a campanha em vista, mostrando d'esse modo, que não a tinha em pequena conta.

Foi, portanto, o Transvaal duplamente prudente. Foi prudente, não consentindo que os acontecimentos se precipitassem, e afastando a guerra imminente tanto tempo quanto poude; foi prudente, reconhecendo com o mais acendrado patriotismo, que os povos e os Estados teem por dever fundamental a sua conservação com dignidade, e que no dia em que essa conservação se lhes torna impossivel dentro do seu viver pacifico, lhes cumpre impô-la e assegurar-a pelos sacrificios extremos e pela força das armas.

E, até agora, se o exito da força é o fundamento da nova escola do direito, para aquelles que não estão dispostos a reconhecer simplesmente este, o Transvaal, em vez de merecer-lhes as increpações com que o fulminam, devia merecer-lhes os affectos e as sympathias que elles, de antemão, mostram ter reservadas para os pressupostos vencedores. Porque até agora, a força, derivem-a d'onde quizerem, — derivem-a exclusivamente do numero, como uma attenuante, — é do lado do Transvaal que se tem revelado; e se é licito ás potencias collossaes, no entender dos espiritos que não sabem outra cousa senão humilhar-se deante d'ellas, abusar da sua força de collossos, e transformal-a no direito que todos respeitem, admittam, logicamente, que seja licito á força, embora dos pequenos, medir-se com esses mesmos collossos, e dêem-lhe razão, ao menos emquanto ella fór triumphante e os mantenha em respeito.

Se a força, do lado da Inglaterra, é justa por ser força, e se, por ser força victoriosa ha-de constituir direito, a força, do lado do Transvaal, emquanto o fór, é justa da mesma maneira; e se a Inglaterra, por ter capacidade para esmagar o seu pequeno adversario, escusa de invocar outra razão, emquanto o Transvaal tiver elementos para se lhe mostrar superior, no campo onde a lucta está posta, a razão está do lado do Transvaal, como do seu lado está o direito.

Isto é argumentar dentro da argumentação d'aquelles que não pensam como

nós; d'aquelles que, educados em superiores escolas philosophicas, tiveram a boa fortuna de se emanciparem, breve, d'estes sentimentalismos deprimentes, que ainda se occupam, nos espiritos atrazados como o nosso, em procurar reconhecer a verdade onde ella estiver, em discernir as noções do justo e do injusto, para lhes prestar culto, e para guiar o seu pensamento por ellas.

*
*

N'um artigo, muito bem escripto, como tudo o que sae da penna brilhante de quem o elaborou, e recentemente publicado n'uma boa revista quinzenal, que sae á luz em Lisboa, deparam-se-nos asserções inteiramente antagonicas com o nosso modo de vêr, e que nos parecem perniciosas pela auctoridade publica de quem as faz.

Não vamos discutir a essencia inteira d'esse trabalho, que não compensa com o agrado da sua forma a impressão desagradavel, que a sua inteira opposição ao nosso modo de vêr nos causa. Isso seria longo, e não teria, para nós, completo interesse. Apenas levantaremos alguma, ou algumas das suas asserções, se a brevidade com que estamos escrevendo, e o espaço que nos é concedido, nos permittirem dilatar um pouco as nossas considerações.

Dissemos, que o Transvaal foi duplamente prudente, procurando a sua conservação, primeiro nas pacificas paixões compatíveis com a sua dignidade; depois, na preparação cuidadosa dos seus elementos de resistencia, para o dia previsto, e de longa data annunciado, em que ellas de nada já lhe valessem, e em que tivesse de reconhecer a sua inefficacia.

Quer o artigo em questão, igualmente, que o *primeiro dever, a necessidade capital de um estado, até na adversidade, até na humilhação, é conservar-se, mesmo porque só existindo poderá levantar-se e desforrar-se.*

Tem esta theoria um certo lado pratico, o qual dentro de determinados limites é razoavel. E a Inglaterra, por exemplo, não se esquece de seguila, como a estão seguindo todas as potencias do mundo, em frente umas das outras, mantidas no respeito mutuo, pelos formidaveis armamentos, com que umas ás outras fazem face.

Quando, ha poucos annos, a Inglaterra ouviu os Estados Unidos falarem-lhe alto, na questão da Venezuela, a Inglaterra lembrou-se que, *até na humilhação*, o seu primeiro dever era conservar-se, pois essa mesma é a condição indispensavel para algum dia poder tomar desforra.

Quando, não ha muitos annos mais, a Inglaterra se preparava para fazer sentir á Allemanha os seus planos absorventes, com respeito á parte continental do sultanato de Zanzibar, ao ouvir soar-lhe muito de perto a voz cava e poderosa de Bismarck, logo se lembrou de que, *até na humilhação*, o melhor que tinha a fazer era conservar-se; e antes quiz ser participante com a Allemanha na divisão do sultanato pelas duas, do que arriscar e perder tudo, se insistisse em querer o quinhão inteiro á sua parte.

Quando, ha tres annos apenas, a mesma Inglaterra recebeu em plena face a desconsideração do telegramma pessoal, que o altivo imperador da Allemanha, — hoje reduzido ás proporções de carinhoso neto da rainha Victoria, e cheio de respeitos e affectos familiares para com a sua veneravel avó — dirigiu pessoalmente ao presidente Kruger, vencedor das armas inglezas no *raid* de Jameson, a Inglaterra comprehendeu logo que, *até na humilha-*

ção, o melhor que tinha a fazer era conservar-se, pois alguma vez o dia da desforra lhe poderia chegar.

Tambem, ainda no anno passado, a França, tão prompta, sempre, em ameaças aos que sente mais fracos, não teve a menor velleidade de contrariar a vontade expressa do governo inglez, que lhe falou de cima na questão do Nilo alto, e mandou arriar a sua bandeira nos muros de Fashoda, e retirar de lá com armas e bagagens os temerarios exploradores seus, que a haviam occupado. E' que, n'essa occasião, comprehendeu bem, e com a lucidez propria d'essas horas, que a sua necessidade capital, *até na humilhação*, era conservar-se, como da mesma maneira o está comprehendendo, ha perto de trinta annos, deante do poderio militar da Allemanha, fugindo-lhe cada dia a hora da *revanche*, pela qual já cançou de esperar, principiando a parecer-lhe acertado pensar n'outra cousa, e não a aguardar mais.

Naturalmente, o Transvaal teria occasião de pensar de igual modo, e de aceitar a mesma philosophia, se estivesse em condições análogas ás da França ou da Inglaterra. Mas a sua situação é muito diversa.

Não se tratava aqui, apenas, de humilhar um Estado fraco, tolerando-se-lhe depois a existencia pelo preço da humilhação. Tratava-se, nada menos, do que anulal-o, de supprimil-o, de se lhe exigir o suicidio, contando-se-lhe com a inferioridade de forças, perante as reclamações, cada dia mais audaciosas, cada hora menos toleraveis do governo da Inglaterra. E o Transvaal, condemnado irremissivelmente a ser supprimido, e consciente de que na força propria lhe residia a unica probabilidade de poder conservar-se, de poder existir, fez o que não podia deixar de fazer, o que ninguem lhe podia aconselhar dignamente que não fizesse, o que ninguem lhe pôde censurar que tenha feito: recorreu á força para cumprir o dever da sua conservação.

*
*

O Transvaal fez tudo quanto era humanamente possivel pela sua conservação dentro da conservação da paz. Mas é isso o que os seus detractores, que entre nós vicejam singularmente, teimam em não querer perceber. Não se entregou manietado; não se submetteu humilhantemente; não se estendeu como um capacho debaixo dos pés oppressores da força; teve serenidade deante das ameaças, teve dignidade, teve brio, teve confiança na força da sua justiça, nas sympathias que ella devia despertar no mundo, na energia do seu braço, nas promessas do seu destino, e no Deus do seu entranhado culto. Logo, foi elle o causador da guerra; logo, foi elle o provocador; logo, foi elle o espirito inconciliavel, que ousou imprudentemente, e de modo a merecer todos os castigos, antepôr os protestos do seu direito á injustiça dos seus oppressores!

«Estado quixotesco!» diz um, d'ali. «Espera pela hora da benemerita vingança, miseravel e ousado povo!» exclama outro, d'acolá. E conjuram-se os grandes emancipados das acanhadas theorias do verdadeiro e do justo, nos seus apódos contra os sentimentalistas retrogradados, tão desgraçadamente atrazados no caminho do progresso, que ainda tentam quebrar uma lança pelo direito e pela justiça!

Quem ergue a cabeça ahi? parece que nos perguntam. Quem se atreve a erguel-a em Portugal, quando o inglez vae passando? O inglez vae caminho d'África, em

demanda de um pobre e pequeno povo, que nunca lhe affrontou nenhum direito; mas que apenas, na defeza do seu, lhe affrontou o immenso orgulho. Vae applicar-lhe o castigo.

Curvêmo-nos perante o grande justiceiro; e assistâmos, como pequenos que somos tambem, não só contritos e humilhados, mas ainda mais, contentes e applaudindo, a essa grande obra de justiça, que vae asombrar o mundo!

Tal é a moderna philosophia humana, que entre nós se quer impôr, e que em certos espiritos prepondera.

Ora, essa philosophia não a acceita, felizmente, nem o sentimento nem a razão, na generalidade do nosso povo; como não a accitam, senão os interesses das chancellarias, em opposição formal com o sentir popular, com os dictames do justo, e com todos os principios do progresso dos homens, advogados pelos verdadeiros philosophos e pelos verdadeiros pensadores.

E, com elles estão, tambem, — onde lhes faz conta, bem entendido, — os verdadeiros politicos.

Deixemos, no entretanto, falar uns e outros; pois nem as palavras d'elles, nem as nossas, poderão alterar no que quer que seja aquillo que, em ultimo logar, hão de dizer as espingardas e os canhões. E elles lá estão falando.

FERNANDES COSTA.

TIRO

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

Conselho gerente

ACTA n.º 7

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 25 DE SETEMBRO DE 1899

Sendo 9 horas da noite e achando-se presentes os srs. dr. Cunha Bellem, presidente; Anselmo de Sousa, Eduardo de Noronha, Pinheiro de Mello, Pedro Ferreira, Gil Dias, Vieira da Silva Junior e J. Fraga Pery de Linde, secretario, foi aberta a sessão, na redacção do *Tiro Civil*.

O sr. Anselmo de Sousa explicou que a commissão executiva pedira a convocação extraordinaria do conselho para lhe apresentar o programma dos trabalhos da União na carreira, na futura epoca, programma que o sr. Eduardo de Noronha leu e mereceu geral approvação.

O sr. presidente apresentou tambem o projecto do relatório do conselho sobre os trabalhos da União na epoca finda, projecto que o secretario do conselho leu e se resolveu mandar imprimir, para ser distribuido aos socios. aos membros do governo, camara municipal, associações, imprensa e outras entidades officiaes e particulares.

Disse tambem o sr. presidente que havia recebido um projecto de reforma dos estatutos, acompanhado de um requerimento de varios socios para que o mesmo projecto fosse presente á primeira assembleia geral e, sendo lido esse projecto, ficou o secretario encarregado de o ordenar por forma que, refundindo e harmonizando as disposições vigentes na lei organica da Associação com as que constam das modificações indicadas, fique devidamente redigido um Estatuto sequente e concordante.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 1/2 horas.

O secretario do conselho

J. Fraga Pery de Linde.

Commissão executiva

ACTA n.º 23

SESSÃO EM 10 DE NOVEMBRO DE 1899

As nove horas da noite reuniu, na redacção do *Tiro Civil*, a commissão executiva d'esta sociedade, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Ignacio Franco, Fraga Pery de Linde e Eduardo de Noronha.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Foram lidos os seguintes officios de adhesão à instrução de tiro, facultada por esta sociedade na carreira, aos estudantes da capital:

Polytechnica.....	93	alunos
Lyceu Central.....	49	»
Escola Normal.....	34	»
Inst. Industrial.....	13	»
Real Casa Pia.....	23	»
E. Industrial Afonso Henriques..	17	»
E. Industrial Marquez de Pombal..	40	»
Academia Real de Bellas Artes..	22	»
Escola Elemental de Commercio	36	»
Instituto «19 de Setembro».....	39	»
Collegio Nacional.....	22	»
Academia d'Estudos Livres.....	11	»
Real Gymnasio Club Portuguez..	13	»
Collegio Universal.....	2	»

Total de adhesão..... 419 »

Pedido do socio Joaquim de Sousa Padesca, para a admissão de seu filho, como socio temporario, afim de tambem receber a instrução de tiro.

Foi attendido.

Officios da Escola Medica, Escola Nacional, Collegio de Campolide e Atheneu Commercial, de agradecimento e congratulação, explicando os motivos, aliás muito attendiveis, porque não pôdem aceitar o convite da União.

Officio da direcção Geral do Commercio e Industria declarando aquiescer ao pedido da União e que n'esse sentido officiará já aos estabelecimentos d'instrução da sua dependencia recommendando a matricula de alumnos na instrução de tiro.

Officio do ministerio da guerra, auctorisando esta sociedade a consumir na carreira de tiro, as munições accumuladas, referentes aos mezes de julho a outubro.

Proposta para a admissão a socio ordinario do sr. Frederico Taveira. Foi approved. Resolveu-se que estando marcado o dia 8, para encerramento da matricula dos alumnos das diversas escolas, se prorrogasse este prazo até 11 do corrente e que se publicassem aviso de que a 1.ª sessão d'instrução se effectua a 12 pelo meio dia.

A commissão resolveu ainda, em vista da proclamação de socios benemeritos, de s. ex.^{as} os Ministros da Guerra e Obras Publicas, proclamação feita na ultima assembléa geral, offerrecer a estes cavalheiros, a insignia da União.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 1/2 horas.

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha.

LITTERATURA

Caçadas reaes

(Continuado do numero 172)

O sêr amigo do rei, nem sempre é titulo de consideração e a prova recebia-a eu bem sensível d'uma outra vez ainda, em Vendas Novas, tendo de usar da prudencia com que chrismanos o medo para não desfechar contra corticeiros que me atacaram lançando-m'o em rosto.

N'aquelle dia da chumbada, e nos dous subsequentes, fizemos uma boa caçada, e ver oitenta gallinholas estendidas, mortas, em linha facilmente fizeram esquecer um tiro que, em cousa viva e sensível, só atingira a vaidade de quem o dera.

Foi esta a caçada em que mais gallinholas se mataram. Na de 1872 ficaram 41; nas duas de 1874: n'uma, 40 e na outra, 22.

Promettia ser propicia a caçada de 1871; viera inesperada noticia de passagem abundante de gallinholas, de sahida. Estavamos no dia 6 de março. Partiu breve el-rei, com poucas espingardas, para Mafra. Na madrugada seguinte, depois do tradicional almoço dos seus predilectos bifés defgados de louro e alho, o classico bife portuguez, lá fômos para a tapada; elle

trauteando, na carruagem, uma area da Semiramis, que o meu amigo, o dos dez gamos mortos vivos de Villa Viçosa, confundiu com a marcha-hungara, e o camarista lendo, entre as petições, uma de caçadores pedindo «pão por faltar a caça», de que estavam ausentes o til e as cedilhas. No rapido correr das ligeiras mulas via-se, pelas portinholas, succederem-se os troncos das arvores orlando a estrada, e o rodopiar da paisagem, de poucos longes, em que se cruzavam, entre si, as pequenas collinas, os campos de culturas, o desminado arvoredo limpo de folhas e os escuros pinheiraes, moradia das aves que buscavamos.

Mas oh fatalidade! chovera, e nem uma se encontrou! Teve de aproveitar-se o dia aos gamos, e lá seguimos para o Salabredo.

Pittoresco sitio: no fundo das montanhas, ali abruptas e bem povoadas de matto, a estrada depois de serpentear no aspero declive, corria plana, no valle, entre aleas de gigantescas arvores: alamos, faias e choupos; a um lado via-se a casa onde se fazia o segundo almoço: modesta, caida, com o seu telhado musgoso que a tornava rustica; paisagem que animava a bulhosa agua susurrante da ribeira proxima, e a accidental voz humana.

N'este quadro, n'outra caçada, desenhara-se a rainha montando um cavallo de Alter de movimentos nobres, ao qual com dextra mão levantava o galope por aquella estrada. A flutuante amazona, e os ondeantes cabellos de fogo, tornavam-n'a ideal, na elegancia e distincção do porte, á luz do sol de inverno, coada, livre quasi, por entre ligeiras nevoas e os despidos troncos do arvoredo.

Era bello o espectáculo como é bello em confronto que realça ambas, ver a actual rainha, de ar nobre, de correcta e serena figura, manejar, com primor e segurança, os cavallos de mais frio aspecto que prefere.

Mas voltemos á caçada de que este entusiasmo de lembranças me affastou. Foi má. A' minha espingarda um só gamo ficou, e poucos mais se mataram.

*

Faziam-se batidas aos coelhos, muito apreciadas das senhoras. Perseguidos, em rapidas corridas, pela vosearia e latidos da canzoada, nos rasteiros matto ou nas limpas, davam alegrias e entusiasmos que não dão nos sombrios bosques, as sorumbaticas bicudas no seu quasi silencioso vôo.

E lá estava o nosso Ventura, magro, de nariz desforme e ponteagudo, hombros caídos; de barrete de lã até ás orelhas sempre; caçando em mangas de camisa, com a jaqueta no hombro, ou á cintura, para, n'outra infracção do codigo, levar furtados os coelhos nas mangas, além dos escondidos nos fundilhos.

Era incançavel em levantar-os com os pés, ou, com o olho bicheiro, os descobrir na cama, onde os chumbava.

Estavam tambem outros caçadores de fóra; os filhos do velho Estevão, de Mafra, antigo caçador, e espingardeiro; o que, na modesta forja, como outro conhecido de Vizella, imitava espingardas inglezas, perfeitas na forma, e bastante boas na tempera; os dois Dionizios, o José da Charnequinha, diminuto no appellido e gigante no corpo; o Candido Pepino, que me acompanhava em Cintra, ás perdizes, com as botas arrombadas sempre do constante andar, eleitor a quem eu nas cartas dava excellencia para lhe augmentar importancia no logar; e outros, saloios, pesados, manhosos e desconfiados; matando bem

mas, nos costumes tirantes, ao Ventura, e vestindo, como elle, para igual fim talvez. Muitos traziam o chapeo de sol a tiracolo, o classico de panninho azul de barra, varetas de baleia, punho de buxo e ponteira de metal, pesando equal á espingarda.

Os colletes encarnados de alguns, os barretes de lã de equal côr e verdes de outros, o sol a fuzillar reflexos nas armas augmentava o pittoresco da paisagem. E davam os tons mais escuros, os caçadores da Casa, de calça de belbutina castanha e bota preta até ao joelho, casaco verde garrafa assortado e o chapeo negro desabado, de copa alta; e mais luzes a faca de matto no cinturão. Eram: o Domingos, caçador particular d'el-rei, boa espingarda e homem sério; o barrigudo João da Burra, o que, de pulso livre, nos alugava o afamado perdigueiro Prim que elle ensinara; dono da casa de pasto dos Jeronymos, onde o conde de C. e o A., ministro de Hespanha, iam, *blasés*, buscar novas sensações nos assados e n'outros petiscos, ali de fama, e eu, sem o ser, tambem ceava ás vezes.

Não fardado ainda, sobressahia aos outros caçadores da Casa o Francisco do Arneiro, corpolento, acobreado na côr, muito entendido em cães e certo no tiro, o que me guiava ás perdigotas nos cerrados e quintas de Oeiras, e nas passagens dos algrivões e tarambolas em Carcavellos.

E além de tantos que ficam na multidão dos esquecidos, viam-se, nas esperas, e tambem na batida, os donos da casa e os convidados os mesmos de Villa Viçosa e do Alfeite, a mais apenas o J. R., o S. T. e o ministro da Alemanha, conde de B. attentos aos coelhos mas mais á direcção das espingardas das senhoras.

O diario tributo de sangue da ucharia sobre os orelhudos bichos, os que á sombra d'este as alcavalas e os fundilhos levavam, faziam-nos tão escassos de anno para anno, que não mais de 30 se mataram no ultimo, quando, no anterior, chegara ainda ao dobro.

E não se poupavam diligencias; nem faltava o dedicado auxilio do, interesseiro ou não, amigo do homem, ali representado na numerosa matilha dos podengos da Casa, gordos e lusidios a mostrarem fatta comida, entremeando-se n'elles alguns de fóra, o do Ventura, magro como o dono, de rabo caído desconfiado, andando na ponta das unhas, aos saltinhos, e outros de equal jaez. Dissimelhavam-se todos; havia pernalto, meões, rasteiros, sedosos, e de pello curto, de orelhas bicudas, e rombas, alguns com uma só derrubada; todos sem raça, filhos do acaso, espurios, mas exforçados nas acções e com olhos vivos, de gente boa, rindo de paixão.

Ao breve latido dos mais seguros na busca, fitam a orelha os menos confiados no nariz, e, na pista envolvem-se todos em torbilhão, febris, ardentes, acompanhados no ladrar pela voz humana, acabando o seu dente ou o tiro dos caçadores por deixa-l'os victoriosos, ou despeitada a habil furta ou o covil do perseguido

De mistura com os podengos caçavam, sem paragem, picando a caça, sem volta, e latindo tambem atraz d'ella, perdigueiros; uns, descendentes de bons avós—Minas, Laborins—mas estiolados, sem nariz, a já, arrastarem, sem brio, os pergaminhos n'aquelle companhia; outros, de cruzamentos novos: Praias, pointers etc. na arrendia do sangue e sem os conter o merecido chicote, a matarem tambem o vicio nas mesmas correrias, levando atraz de si os de nacionalidade estranha de diversas apuradas raças: *setters, gordons, bassets,*

galgos, retrievers, chicens-courants, fochounas, e outros que a má estreia n'esta mais ardente e secca terra fizera repudiados.

Raros mantinham, dos perdigueiros, a dignidade da raça e do cargo! o Prim! mais pelo respeito ao latego do que a si proprio, lá estava submisso ao seu immediato dono; o S. Germain, d'el-rei, por gotoso, velho e desenganado já da vida, e algum pesado, beicudo e de pendente orelha dos aborigenes anavarrados.

*

Poderia el-rei ter cães de melhor raça e mais bem ensinados; matilhas eguaes, de, visto um vêr todos, obedientes ao som da trompa ou do chicote, para comer, para dormir e para tudo; apurados para distinctos fins: busca, cobro de ferido, quite, manobrando ao acceno ou ao simples *pchisiu*. Mas quando esses cães fossem, assim disciplinados, reconhecidamente apropriados ao nosso clima, ao nosso temperamento e gostos, e mais uteis ás nossas caçadas, de pouco mais serviriam nas de el-rei, feitas, de ordinario, em batidas. E para ser elle que desse o exemplo no apuramento da raça, não seria injusta a critica que se lhe fizesse de não tomar a iniciativa de a melhorar, de preferencia, em outros animaes mais proveitosos ao homem, e até no proprio homem.

*

Na ultima tapada as asperas encostas e o mais fechado matto tornavam arduo encontrar a tambem pouco abundante caça grossa, e o curto raio do tiro fazia difficil acertar-lhe. Nas portas sobre os caminhos, os tiros tinham de ser como aos coelhos, de chofre na passagem, ou a corta matto, depois. Em todas as caçadas, entre todos, só se mataram, veados e gamos, 24.

*

Na de 1874, no mez de fevereiro, matou-se um porco bravo, caso que ha muito se não dera. Faziam até outro, anteriormente morto, o ultimo solitario d'aquellas paredes adentro. Era apocrypho, como este poderia ainda ser. Mas o deixar-se matar por um tiro de chumbo miudo, de espingarda tão somenos que a maior parte da carga ficára no coiro á vista, mostrava boa vontade de morrer, talvez para acabar com a isolada vida.

Mais se via a ferida de outra chumbada que na mesma caçada apanhara um batedor; mas todo dolorido, encostado a outros, parecendo moribundo, uma soberana, estrangeira essa, a affigie, em mocda não corrente hoje no paiz, tornou-o á vida prompto.

*

N'algumas occasiões reservava el-rei a caça grossa só para si, e com ciume até o fazia. Pois na caçada de 188. e em que mais cioso esse privilegio mais o estava recreando, matei eu um veado que se destinava á sua porta!

El-rei á espera no sitio apropriado, com a sua certaia espingarda viennense, de dous canos sobrepostos, de carregar pela bocca, e o bicho cego e mortalmente ferido de uma chumbada minha que o voltára do cordão dos bateadores com que investira e onda eu ia, não chegou lá; morreu no caminho!

Fazia este o quinto, e, n'estas caçadas o ultimo, tiro infeliz da minha segura espingarda!

Com El-rei na espera, estavam a rainha e a princeza, hoje tambem rainha, o que

augmentou, em mim, o desgosto do desgosto que causára.

E causei-o a essas duas Augustas Senhoras de quem o poeta, que julgava mais excellente ser rei de gente portugueza que ser do mundo rei, diria, de certo, conhecendo-as, ser excellencia suprema ter tal gente taes rainhas.

Lisboa, 15 de julho de 1899.

CAÇA

Noticias

O nosso estimado amigo e assignante o sr. commendador Jorge d'Almeida Lima foi victima de um desastre, que, felizmente não teve mais sérias consequencias. E' o caso que estando a carregar alguns cartuchos para a sua espingarda, um d'estes rebentou na occasião em que o apertava, explodindo e ferindo-o bastante na mão esquerda.

Felizmente o nosso amigo está quasi restabelecido de todo pelo que lhe damos os nossos parabens.

—O nosso estimado assignante o sr. Cambournac já este anno matou 4 gallinholas.

—Temos conhecimento de muitas caçadas mas nenhuma sae do vulgar, o que no entanto nos consta é que, em geral, os caçadores estão satisfeitos.

—A commissão venatoria da *Associação protectora da caça em tempo defeso* planeou e realiso nos dias 13, 14 e 15 do corrente uma batida aos javalis.

A primeira batida realiso-se na Gandara, Hespanha, a segunda nos logares denominados Regalada e Fontainhas e a ultima em Valle de Figueira já em terreno de Portugal.

A Gandara é uma coutada, arrendada pela commissão venatoria, onde todos os annos os socios da Associação realisam caçadas.

Além de muitos caçadores que vão de Lisboa, outros de Niza, Montalvão e outras localidades concorrem a esta festa.

—A *Associação dos Caçadores Portuguezes* pensa em brevemente realisar outra caçada, que deverá ser magnifica como todas as que promove.

MUSICA

COISAS D'ARTE

II

(de um amigo que vive em Africa)

Deixa-me fallar-te hoje de um notavel acontecimento musical, succedido na grande Allemanha.

Conheces sem duvida Brahms, esse estranho e genial espirito, que lançou no mundo dos sons se não uma nova formula pelo menos uma original interpretação psychologica de certos estados d'alma, e porventura revestiu de um novo colorido certos modos de expressão rhythmica...

Parece-me mesmo que em tua companhia ouvi eu n'um certo dia amado um impressionante e assombroso andante religioso do grande mestre morto.

Pois bem, imagina querido amigo, que n'uma pequenina terra d'essa Allemanha que não é hoje só, como já um fino ironista escreveu, uma grande caserna besuntada de philosophia, mas é tambem, mas é sobretudo o grande centro inconfundivel da civilisação contemporanea, representando mesmo o mais alto ponto da cul-

tura intellectual em todas as manifestações da actividade humana; — imagina, ia eu dizendo, que em Meiningen, pobre e minusculo ducado de um grande senhor teutonico, a musica, na sua expressão mais elevada e mais pura, teve durante quatro dias as consagrações solemnes de um verdadeiro culto, e em homenagem á memoria de um pobre homem de genio, reuniram-se de todos os angulos da terra, n'uma unanimidade e n'uma communhão tocantes, alguns illustres representantes d'ella, e, quer executando elles proprios, quer prestando á execucao alheia a sua attenção recolhida e religiosa, ergueram perante o Eterno e defronte do mundo, um *memento* de admiração e de reconhecimento pela obra e pela individualidade d'aquelle que um instante fôra o depositario privilegiado do divino verbo de Deus, e traduzira na admiravel linguagem que lhe foi concedido fallar alguns dos immortaes pensamentos d'Aquelle.

Durante quatro dias esse pequeno burgo que de pouco mais se compõe que de uma egreja, um theatro, a residencia do grão-duque, alguns restaurantes, e varias casas particulares, vibrou com uma intensidade ingente e palpitou da vida superior e augusta dos grandes momentos solemnes em que a consciencia se eleva até ás suas ideaes origens.

E com esse grande senhor que pela sua categoria social e pela sua fervorosa devoção espontanea foi o principal promotor das festas realisadas, confundiram-se dezenas de humildes e de gloriosos, de plebeus e de aristocratas, equalisados no mesmo culto, confundidos no mesmo sentimento, dominados pelo mesmo ideal...

Ouvir, caro amigo, contar a um gloriosissimo conterraneo nosso, o que foi essa solemnidade, já por si constituiu um prazer. Desfructou elle a ventura suprema, não só de assistir a tal homenagem mas de contribuir pessoalmente para ella, acompanhando por vezes essa poderosa figura de artista que se chama Joachim, o dr. Joachim, como podem tratal-o sem favor os professores da Universidade de Heidelberg, cuja faculdade de philosophia se honrou com o doutoramento de tão illustre filho; e, quando hontem a palavra entusiasta e colorida d'este nosso illustre compatriota descrevia n'um circulo intimo, em traços de um relevo unico, o grande episodio em que lhe coube ter tambem o seu papel, a minha alma cumulativamente se alegrou e se confrangeu, porque, se no quadro onde tão nobres figuras se moveram, e onde tanta luz fulgiu, alguém nos representou, comtudo algumas sombras passaram ao longe, nos planos recuados d'esse quadro, e essas devem ter escorrido insensivelmente dos olhos d'esse portuguez presente, que sem duvida não pôde deixar de pensar com tristeza como taes commemorações seriam impossiveis na sua, na nossa terra!

*

Porque é isto bom amigo que eu querria fazer sentir: em Portugal, paiz de tão generosos impulsos, quasi por desgraça, não são possiveis os grandes pensamentos, e as solemnidades de ordem puramente intellectual, scientifica ou artistica, nem mesmo existem.

N'esse odre de militarismo, como desdenhosamente chamam á Allemanha os que não a conhecem senão pelos seus triumphos de quartel, não se interrompeu, por fortuna, a fecunda, a brilhante, a sadia vida local dos seus pequenos nucleos de cultura do gosto e de educação do pensamento, e homens como esse venerando grão-

duque com quem Brahms se tratava por tu, não se dedignam de custear de seu bolsinho uma orquestra que assombrou os proprios berlinenses, de promover romagens piedosas aos logares santos onde algum grande homem viveu e morreu, de lhe erigirem estatuas e de collaborarem para que lhe executem as obras; aqui, o nosso proprio conservatorio ainda não encontrou um simples dia entre tantos que tem tido de vida para sequer ao menos evocar a memoria apagada de vultos como Bomtempo, Marcos Portugal, Casimiro e outros!...

Ah! mas apresso-me a declarar-o, a culpa não é exclusivamente d'elle, e para sermos justos é tambem concomitantemente nossa...

A lamentavel e espantosa ignorancia em que pelo geral vegetamos, tudo explica e tudo torna possivel — ou impossivel.

Para que a simples evocação de um nome, aliás glorioso, logre congregar em volta de si todas as forças vivas de uma nação é mister que os habitantes d'essa nação, qualquer que seja o ponto que occupem na escala social, tenham da vida uma concepção mais nobre e menos utilitaria que aquella que d'ella nós outros formamos, e convem que desde os banqueiros até aos simples serventuários de botequim todos entrem na comprehensão embora mais ou menos instinctiva de certa ordem de verdades...

Ora, na Allemanha os banqueiros não lidam apenas com oiro nas suas carteiras e tambem a miude conhecem e até trazem oiro nos seus espiritos, e familias como os Mendelsohns ao mesmo tempo que dão membros para a finança, dão-nos para a esthetica e para a arte...

Emfim, para honrar um simples musico, deslocam-se representantes das outras forças vivas do paiz, dos fulchros do seu negocio, interrompem a actividade das suas locubrações e conferem-se o prazer immaterial e intarifavel de alguns dias de contemplação e de extasis...

E no entanto lá tambem ha interesses, paixões, febres, ancias de lucro, appetites de dinheiro, luctas de ambições, mas tudo isso em certos momentos se esbate n'um fundo longiuquo e vaporoso, deixando transparecer nas almas um pedaço de ceu azul, e nem por isso o mundo deixa de seguir na sua marcha ascensional e triumphante, victoriando exacta e especialmente muitos d'aquelles mesmos que menos pensaram nas suas exigencias materiaes e mais concorreram para as suas aspirações ideaes.

Ainda hei de voltar, amigo, a este assumpto sympathico, porque a proposito da consagração feita á memoria de Brahms, varias cousas me ficam por dizer, mas não caminemos depressa para não nos fagarmos logo...

AFONSO VARGAS.

*

P. S. — Não queria desolar-te com cousas tristes, mas depois de escripta esta carta, chega-me a noticia da morte de Victor Hussla, e mal pareceria, que não desfolhasse sobre o caixão do grande musico ao menos uma saudade singela mas sentida.

Caiu novo, em plena exuberancia de talento e de enthusiasmo, com o peito cheio de creença na sua divina arte, com a cabeça cheia de novas fórmulas e de novos sons, com que haveria de inebriar-nos mais tarde; e a terra portugueza que hontem carinhosamente lhe acolheu os restos tem que honrar-lhe a memoria porque co-

mo poucos elle a amou e serviu, colligindo-lhe os seus cantos repassados de ingenuidade e de ternura, educando-lhe os seus filhos, carecidos de ensinamento e de luz; e, estrangeiro como foi, mais fez pelo nome d'ella e pela sua perpetuação no tempo e na historia, que muitos de entre nós jamais farão.

Devemos-lhe bom amigo, a enternecida homenagem das nossas lagrimas e a admiração sentida de nossas almas; e possa este piedoso e tocante tributo de todo um povo nimbar n'uma aureola sem par o seu nome immaculado e illustre...

A. V.

A NOSSA GRAVURA

Roque Gameiro

Um bello talento e uma admiravel organisação d'infatigavel trabalhador, Roque Gameiro, fino aguarellista, director das officinas lytographicas da Companhia Nacional Editora, professor da escola industrial Principe Real, desenhador e illustrador apreciado, é um dos artistas mais conhe-



cidos e distinctos do nosso meio. Tendo estudado na Allemanha, na escola d'artes e officios de Leipzig a lytographia, deve-se-lhe o melhor do aperfeiçoamento que este genero de trabalho tem alcançado entre nós. Como illustrador grande numero de publicações contemporaneas demonstram o seu talento, é porém como aguarellista, em trabalhos de pura arte que elle tem provado a sua fina tempera.

As aguarellas de Gameiro d'um bello desenho, a que lhe dá mais subido valor são d'uma largueza, finura e segurança de pincel admiraveis. O colorido é um tanto frio, mas que delicados segredos da côr elle surprehende para revelar no papel! Nas exposições do Gremio Artistico as aguarellas de Gameiro tem feito as delicias dos amadores d'este genero de pintura em que d'anno em anno se tem revelado mais primoroso. Aos estudos e *po-chades*. succederam trabalhos mais completos, bello cantos de paisagem como a — *Ponta das covas* — exposta no Gremio Artistico em 1892, e enviada mais tarde á exposição de Berlim; retratos, a que as levezas d'aguarella não roubam a expressão e caracter; figuras de grandes dimensões, primorosamente desenhados, detalhes graciosos, uma bagagem artistica de grande individualidade e mérito.

Ultimamente, Gameiro, absorvido pelo persistente trabalho d'illustrador tem posto

um tanto de parte as obras puramente artisticas que certamente retomarão, com grande prazer de todos os seus admiradores apenas tenha alguma folga das fadigas com que esse trabalho o subcarrega. As suas illustrações são apreciadissimas e nas paginas das melhores obras ultimamente editadas encontram-se formosas composições de Gameiro.

Alliando a um solido talento qualidades nobilissimas de caracter, se possui numerosos admiradores não é inferior o numero dos seus sinceros amigos, e estes regosijam-se sempre quando d'algum modo pôdem manifestar-lhe ao mesmo tempo a sua estima e a sua admiração.

RIBEIRO ARTHUR.

VELOCIPEDIA

Avante pela União! — Agradecimento — O freio nas bicycletas — Recordos — Varias noticias.

Para que a União Velocipedica Portugueza, cuja fundação se trata de promover, se torne o mais rapidamente possivel n'uma realidade, com o alto valor e força que pôde e deve ter, não basta a iniciativa, por muito poderosa que seja, nem o trabalho intelligente e dedicado, nem a actividade tenaz e perseverante do nucleo de adeptos que a ideia d'aquella federação já alcançou em Lisboa, e porventura os que, isolados e dispersos, ella já conta na provincia. Embora, para começo, isso seja muito, não é todavia o bastante.

Faz-se mister que por toda a parte, onde exista um entusiasta do cyclismo, elle não fique de braços cruzados á espera que venham solicitar-lhe a adhesão, mas se converta desde já, por expontanea decisão, n'um propagandista acerrimo do ideal que advogamos, e procure por todos os meios ao seu alcance fazer derivar, em proveito do empreendimento que a todos interessa, e concentrando-as n'aquelle nucleo, as adhesões que possa obter, não só individuaes, como tambem das sociedades velocipedicas a que cada um pertença.

E' preciso trabalhar e trabalhar muito, com perseverança, tenacidade e enthusiasmo. Não faltarão, decerto, a todos quantos se empenharem no empreendimento, contrariedades e sensaborias. Aqui em Lisboa, por exemplo, já houve quem, coberto de ridiculo mas cheio de audacia, tivesse a habilidosa ideia de se valer da propaganda feita pelos nossos amigos e por nós, para vir dar a entender em alguns jornaes, que de boa fé lhe acceitaram a informação, que a união estava já constituída, com *comissão directora*, estatutos, regulamentos, e que tudo era obra do mesmo sujeito, (1) cuja missão no cyclismo, que saibamos, tem consistido até ao presente em levantar questões irritantes n'um club a que pertence, propalar calumnias, suscitar inimizades e incommodar, emfim, toda a gente com a sua vaidosa impertinencia!

Mas não serão decerto estas e outras similhantes contrariedades, forjadas por vaidades irritadas e preponderancia de popularidade e preponderancia, que entibiarão os esforços dos verdadeiros entusiastas do cyclismo pela causa da União

(1) Veja-se sobre este assumpto a carta inserta em o n.º 11083 da *Vanguarda*, de 12 do corrente, e firmada pelo director d'esta revista e pelo redactor d'esta secção, e a rectificação feita pelo *Diario de Noticias* do mesmo dia á informação a que alludimos.

Portugueza. Que todos, pois, prosigam o seu caminho desassombadamente, de animo feito a derrubar com violencia, ou a afastar simplesmente com a ponta do pé, conforme as circunstancias, quaesquer obstaculos que pretendam impedir-lh'o, até que se consiga o exito definitivo da mesma causa.

A'quelles que porventura não tenham uma exacta noção dos fins e intuitos unionistas, é indispensavel fazer-lhes saber que a União Portugueza, como as federações similares estrangeiras, terá por objecto a propaganda do cyclismo, o empreendimento de tudo quanto possa contribuir para o seu progresso, desenvolvimento e generalisação, tanto no ponto de vista do puro *sport*, que regulamentará devidamente, como do excursionismo, a que virá prestar relevantes serviços, proporcionando aos excursionistas, por intermedio do seu corpo consular, todas as informações, esclarecimentos e auxilios que lhes possam ser uteis, e emfim contribuirá efficazmente para facilitar relações entre os afiliados, cada um dos quaes em toda a parte encontrará, em cada consocio, um conhecido e um amigo. Muitos são tambem os serviços que virá prestar ás associações velocipedicas, que terão por isso todo o interesse em concentrar-se na União, dando-lhe a força e prestigio que lhe advirão d'essas collectividades, e de que ella carece para desempenhar cabalmente os seus fins.

A'vante, pois, pela União Velocipedica Portugueza, que quando devidamente organizada trará o engrandecimento, o progresso e a vitalidade do cyclismo nacional, cuja actual decadencia todos reconhecem e confessam!

Agradecemos reconhecidos aos nossos collegas da imprensa que tem noticiado com applauso a projectada fundação da União Velocipedica Portugueza, e feito a proposito amaveis referencias á redacção d'esta revista.

Le Veló, passando em revista a quadra velocipedica do corrente anno, agora finda, regista, como um verdadeiro progresso, o facto de se ter vulgarisado em França o uso do freio nas bicycletas. E a tal respeito escreve o seguinte, que traduzimos com endereço aos numerosos inimigos d'esse accessorio tão importante:

«Comprehendeu-se finalmente que uma machina, qualquer que ella seja, feita para rodar com grande rapidez em estradas, entre milhares de perigos inherentes a um meio tão movimentado, não pôde subtrahir-se ás regras mais elementares da mechanica e da prudencia.

Para esse progresso cyclistta tem contribuido indubitavelmente, pelo seu recente contacto, o automovel, e mais em especial o motocyclo, nos quaes teria sido ainda maior loucura esquecer tão attendiveis preceitos.

O prodigio! Na corrida Bordeus-Paris de 1899 a maioria dos corredores muniram as suas machinas de freios! Até em pista elles figuraram, como na bicycleta de Huret, nos tres dias do Parc des Princes. Quem nos havia de dizer, ha apenas tres annos, que isto succederia!

O facto é que em 1899 em cada 100 machinas podiam-se contar cerca de 60 munidas de freio, ao passo que no anno anterior esta proporção attingiu quando muito 20 por cento».

Já que entre nós os conselhos da experiencia e do bom senso, e as imposições dos regulamentos policiaes, nada tem podido contra a ridicula e inveterada mania de circular pelas ruas e estradas em bicycletas sem freios, aguardemos mais confiadamente que o espirito de imitação produza o salutar resultado que tanto é para desejar, pelos desastrosos accidentes que evitará. Fiquem pois sabendo que em França já deixou de ser *moda* o andar em bicycletas desprovidas de freio.

Os recordos de 8, 9 e 10 kilometros em pista foram ha dias batidos por Bouhours no Parc des Princes. O de 8 k., que pertencia a Taylor em 8' 10" 1/5, ficou em 8' 9" 3/5; o de 9 k., de que era detentor Champion em 9' 11" 1/5 baixou a 9' 8" 3/5; o de 10 k., tambem de Champion em 10' 12" 1/5 foi reduzido a 10' 7" 4/5.

O recorde de 1:000 milhas (1:609 kilometros) em estrada, feito em Nova-York, conforme noticiamos em a nossa chronica anterior, pelo americano Rivière, em 90 h. 15', foi já batido por Will Brown, que cobrio a distancia em 83 h. 4' 30".

O cyclistta americano E. Eduards, o primeiro que tentou percorrer 100 milhas por dia durante um anno, propõe-se bater o recorde Nova-York-S. Francisco, isto é, a travessia da America. Esse recorde é actualmente de 37 dias.

Não tem conta os expedientes mais ou menos engenhosos de que lá fóra se servem os gatunos para commetterem furtos de bicycletas. Este que vamos referir, assaz curioso, é devido ao espirito inventivo de dois inglezes, que o tem explorado em Paris até agora inteiramente a salvo da policia.

Um d'elles, elegantemente vestido de cyclistta, apresenta-se n'um hotel, entrega a sua mala e confia a um dos creados a guarda de uma magnifica bicycleta. Em seguida sahe, com o pretexto de ir dar uma volta, e na sua ausencia apresenta se no mesmo hotel um segundo viajante, com um traje quasi equal ao do primeiro, mas sem machina.

A' hora do jantar os dois sentam-se á mesa e dão mostras de não se conhecerem No dia seguinte o que veio sem bicycleta reclama a «sua machina» ao creado, que não hesita em entregar-lhe a que trouxe o primeiro hospede. Decorrido, porém, algum tempo este ultimo sahe do quarto e pede por sua vez a machina, e como o creado reconhece então que se enganou, o gatuno enfurece-se, tropeça, ameaça ir queixar-se á policia, e assim consegue que o dono do estabelecimento, no proposito de evitar um escandalo, lhe pague a bicycleta por 200 ou 300 francos.

A policia anda no encaço dos dois habilitados *escrocs*.

O imposto sobre as cartas de jogar produziu este anno em França menos 73,511 francos que no anno anterior. Esta differença é attribuida á bicycleta, affirmando-se, com o tesemunho das estatisticas, que desde que se cultiva o cyclismo não só se joga menos, como tambem se fuma menos e beber menos alcool. Entoemos pois os nossos hymnos de louvor á *sympathica bicycleta* que afugenta da sociedade os negregados vicios!

MAGALHÃES FONSECA.

Porto

O passeio official do Real Velo Club do Porto para solemnizar o sexto anniversario da sua fundação, realizou-se no dia 28 de outubro. Por causa do mau tempo, foi este passeio addido nada menos de trez vezes, porque se assim não fosse seria o mais imponente realizado por aquella agremiação.

Se bem que o trajecto fosse muito pequeno por tomarem parte algumas senhoras, o local escolhido para terminus da excursão, é um dos mais pittorescos das cercanias da cidade. A antiga quinta de Santa Cruz do Bispo a 9 kilometros do Porto foi o local escolhido para o almoço.

Os cyclisttas dividiram-se em varios grupos sahindo um do Palacio de Chrystal outro de Mattosinhos e um de Pedras Rubras.

A' chegada a Santa Cruz compunha-se a fila de 40 cyclisttas dos quaes cinco senhoras. D. Hercilia Muaze, D. Elisa Campos, D. Almira Seabra, D. Mary Ramp, D. Olinda Minchin. Dos representantes da imprensa, compareceram os do Commercio do Porto, Provincia e Campeão.

A festa correu alegremente, sem uma nota desagradavel, como todas as festas que o R. V. C. P. promove, sendo a refeição magnificamente servida, pelo Hotel Etephania de Leça da Palmeira, fornecedor do R. V. C. P.

De uma ininterrompida serie de brindes, desatacaram-se os dos srs. Commendador Motta Ri-

beiro, secretario geral, que brindou á imprensa, aos presidentes do R. V. C. P. e aos socios, especializando o guia o sr. Achilles Muaze, pelos excellentes serviços que vem prestando ao Club.

Do representante do «Commercio do Porto» o R. V. C. P. referindo-se com palavras do mais justo louvor ao sr. commendador Motta Ribeiro, que tão incansavel tem sido no espinhoso cargo que occupa.

Do sr. dr. Alvaro de Paiva Leite Brandão secretario do Tribunal da Relação, ás damas cyclistta e á mocidade cyclistta que aquella cavalheiro no seu bello discurso, exhortou á união, recomendando a todos, que se sacrificassem e unissem para a prosperidade do seu club.

Terminado o almoço, ficou concluido o passeio, ficando muitos cyclisttas em Mathosinhos e Foz do Douro e seguindo outros para o Porto. Uma commissão presidida pelo sr. Ricardo Garcia y Gomez auxiliado pelos srs. Achilles, Olyntho e Amadeu Muaze, Joaquim Ventura Junior e Huberto Marinho, abriu uma subscrição, que rendeu uma importante quantia, com a qual se encetaram importantes obras nas salas de leitura de bilhar, e das machinas na sede do club.

A sala de machinas terá uma nova disposição, que, além de a tornar mais espaçosa lhe dá mais elegancia.

A sala de leitura fica com nova mobilia verdadeiramente luxuosa e rica, e para a sala de jogos foi adquirido um magnifico bilhar. Estas dependencias serão abertas aos socios no dia 1 de dezembro proximo.

A mesma commissão funcionará durante o anno de 1900, cotisando-se os seus membros e bastantes socios para realizar melhoramentos na sede e velodromo.

Continuará a presidir o sr. Ricardo Garcia y Gomez que, delegou para a sede do club o sr. Huberto Marinho e Olyntho Muaze e para o Velodromo os srs. Achilles e Amadeu Muaze.

Está nomeado fiscal do club junto da commissão, o sr. Olyntho Muaze.

As obras do levantamento de viragens no velodromo Maria Amelia, começarão na proxima segunda feira, devendo ficar promptas até ao dia 12 ou 15 de dezembro proximo.

Felecitamos a direcção por este grande empreendimento, que há muito era de uma grande necessidade. Dirigirão a obra os srs. Estevam Torres e Eleuterio da Fonseca, distinctos engenheiros do quadro das obras publicas.

O *Campeão* jornal de litteratura e sport, será o órgão do R. V. C. P., para o que a direcção d'aquelle club, já deu a devida auctorisação.

10-11-99

Pedal Chico.

Coimbra

Está diffinitivamente repovoada Coimbra por este anno (lectivo), a abertura das aulas obrigou-nos a assentar n'ella arraiaes, nós, que já contavamos com nn anno de ferias devido á celebre peste *Bubonica*, e *anti-sportiva* segundo o nosso amigo Ricardo Garcia y Gomez: Felizmente elle lá está cercada no Porto e nós são e salvos cá na terra.

No nosso Gymnasio já começaram a funcionar normalmente as classes de gymnastica, jogo de pau, velocipedia etc. Em sessão de Direcção de 1 do corrente ficou definitivamente resolvido realizar um *sarau* no Theatro-circo d'esta cidade em meados do proximo mez de janeiro. Dos diferentes *numeros* que hão de constituir o *sarau*, «bi-tripe trapesio e grupos de tapete», «jogo de pau», «assalto á baioneta» e «velocipedia», ficaram respectivamente a cargo dos srs. Augusto Martins, Mendes d'Abreu, Aguiar, e J. C. de Tavares, os restantes *numeros* ficaram a cargo da Direcção.

Recebemos o relatório do Conselho Gerente da «União dos Atiradores Civis Portuguezes, relativo á 1.^a epocha 1898-1899; é elle bem sufficiente para nos attestar a intelligente actividade que presidiu á sua gerencia; agradecemos a amabilidade da offerta.

16-11-99.

ZICO PEDAL

SALVAÇÃO PUBLICA

Bombeiros voluntarios

Ha muito que se fazia sentir a necessidade de um jornal que, na imprensa, advogasse a causa d'esses sublimes rapazes que desinteressando-se da vida e de todas essas ninharias e perconceitos que constitue o bem estar phisico, apenas pensam no amor e na vida do seu semelhante, tendo assim contribuido para que no nosso paiz mereça especial attenção as corporações de bom-

beiros voluntarios, que pódem, senão competir pelo menos rivalisar com as melhores que ha no estrangeiro.

O *Tiro Civil* vem pois preencher uma grande lacuna, ao mesmo tempo que, com certeza, hade alargar a sua esfera de acção e vitalidade, pois estamos convencidos que nos bombeiros voluntarios ha dezenas de rapazes que farão tudo ao seu alcance, para contribuir para o lustre e vida do *sympathic* quizenal que tão desinteressadamente, e prestando um relevante serviço ao paiz e a todos aquellos que se dedicam a qualquer especie de exercicios phisicos para desenvolvimento dos orgãos vitaes, vem por suas columnas á disposição dos interessados.

Permita pois, sr. director, que sendo eu um dos entusiastas por tudo quanto seja engrandecer e desenvolver a mocidade portugueza, venha, talvez em primeiro lugar, dizer duas cousas sobre os bombeiros voluntarios a que me honro de pertencer ha bastantes annos, embora sempre dos mais humildes e ignorados.

Lisboa tem actualmente as seguintes corporações de bombeiros voluntarios: Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa; Real Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda; Real Associação dos Bombeiros Voluntarios dos Terramotos; (antigos Lisbonenses); Bombeiros Voluntarios Belenenses; Imprensa Nacional; Companhia Fiação e tecidos; Bairro Andrade e Portuguezes, estas duas ultimas em fundação.

Devemos ser sinceros, e tirando as tres principaes as outtas pouco ou nada valem, porque as duas seguintes, apezar de muito nos honrarmos com a sua bella e valente camaradagem, constituem quasi corporações particulares dos estabelecimentos que lhes servem de titulo, e as duas ultimas não são oficialmente reconhecidas e ainda não possuem material.

Todavia não sabemos explicar o motivo porque entre alguns rapazes (salvo dignas e honrosas excepções) existe uma especie de odio ou rancor por esta ou aquella corporação, quando afinal todos envergam uma farda que tem um fim unico, um emblema unico: prestar no momento do perigo, os seus serviços aos que d'elles carecem!

Oxalá o seu bello jornal consiga fazer uma util e sã propaganda para que todos os voluntarios, que saibam e honram a sua farda, se congreguem n'um abraço de leal fraternidade, seja onde fór que se encontrem.

Oxalá uma nova era de serviços e glorias venha lançar nos voluntarios portuguezes o sopro da vida e da amizade, e que todos se convençam da necessidade de ser bons amigos e bons camaradas, sem vaidades nem toleimas que a ninguém aproveitam e que apenas deslustram e deshonram tão altruista e nobre farda.

Oxalá n'um futuro proximo os voluntarios de toda a cidade se reconheçam como amigos intimos, e, onde quer que se encontre uma machina, seja de que corporação fór, os restantes a reconheçam como a sua propria, a respeitem como tal e que todos trabalhem sem retaliações nem ambições para debellar o terrivel inimigo, o incendio, como se fóra uma só familia: — a dos bombeiros voluntarios.

Por hoje ficamos aqui prometendo mais alguma cousa, sobre o assumpto, se algum mais autorisado o não fizer, e se v. sr. director, nos não fechar a porta.

Um voluntario

ESGRIMA

Chronica

Hoje pouco terei a tratar, pois vejo tudo muito desanimado.

A E. N. E. (Escola Nacional de Esgrima), funciona com irregularidade e isto devido a Antonio Martins estar para Cascaes e actualmente alli não haver ajudante. Nota-se muita desanimação, o que é natural; quem vae alli é para receber a lição e não estar a olhar para as paredes.

O R. G. C. P. (Real Gymnasio Club Portuguez), ainda ha pouco reabriu as classes de gymnastica e esgrima, notando-se pouca frequencia na esgrima.

O A. C. L. (Atheneu Commercial de Lisboa), tambem já inaugurou a sua epoca. Pouca concorrencia para a esgrima.

O V. C. L. (Velo-Club de Lisboa), nem o professor comparece para as lições, embora hajam poucos alumnos.

O C. L. (Club de Lisboa, ao Calvario), tambem ainda tem as classes de esgrima interrompidas, julgo que o diminuto numero de discipulos desanimou o professor.

O R. C. V. P. (Real Club Velocipedico de Por-

tugal), continua com o mesmo afan; mas alguns discipulos só querem principiar a trabalhar para meado de novembro por estar o tempo mais fresco, dizem elles.

Em Setubal no G. S. (Gymnasio Setubalense), estão desanimados com o pouca persistencia do professor.

Resumindo: Nos sitios onde se trabalha com mais assiduidade são: R. C. V. P., devido á assiduidade do seu professor Souza Magalhães, na E. N. E., onde de vez em quando apparece Antonio Martins e no R. G. C. P. onde o mesmo mestre d'armas é professor.

A Sociedade de Geographia de Lisboa, a primeira agremiação portugueza, com boas salas e uma indicada para esgrima com o regulamento, não tem o principal... que é o professor.

Parece impossivel, mas não é.

Esta agremiação que deveria ter como professor um abalitado mestre d'armas, nada possui.

Verdade é, que já fizeram convite a Antonio Martins, para dirigir os cursos de esgrima, mas sem resultado, por não haver accordado.

Mas em Portugal não é só Antonio Martins que é professor de esgrima, ha mais e alguns com muita pachorra para ensinarem e demonstrarem.

A Sociedade de Geographia, não deve continuar sem um professor, visto ter uma boa sala d'armas.

Se não quiser um nacional, ao menos um estrangeiro, mas que seja de nome e bom.

Em ultimo caso, uns concursos para aquella logar.

Talvez que por meio de um concurso fosse a melhor maneira de ali terem um bom professor, porque aquelle que ficasse vencedor, com certeza, seria competente para dirigir aquelle espinhoso cargo. Ao mesmo tempo era um impulso á esgrima. A desanimação que se nota é devido ao fallar-se e tratar-se pouco o assumpto, assim como d'antes succedia com a gymnastica e velocipedia, succede agora com a esgrima.

Tanto a gymnastica como a esgrima, são exercicios já de tempos remotos, mas se havia desanimado era pelo methodo que havia para o ensino e isto desgostava o discipulo; mas hoje que em meia duzia de lições já fica um individuo apto para combater, é de admirar que a maior parte esteja impressionada com a maneira antiga de ensinar e não discorram que ha annos para cá tem resumido muito o modo de expôr as lições.

Com a velocipedia, já não succede o mesmo. Tem havido uma enormissima propaganda e por isso a maioria anda em machina.

Verdade é que o tempo da grande influencia pela esgrima já lá vae, e agora estamos no tempo da bicycleta, tricycle, tandem, automovel etc., etc.

D'aqui por um seculo, qual será o *sport* mais em moda? Escuso d'ir tão longe, basta em 10 annos.

Apesar de todos estes sports e gymnasticas, nenhuma é tão util, tão pratica, tão vantajosa quer physica quer hygienica, como é a esgrima. Realmente a esgrima é uma gymnastica de primeirissima ordem.

Conforme são as forças do individuo, assim é ella administrada; e isto tão methodicamente que o individuo, fraco e sem forças, dentro de um anno póde vir a ser um adversario temivel.

Claro está que me refiro á esgrima franceza. Passando uma d'estas noites pelo E. N. E., notei que havia grande movimento. entrei e vi que estavam em sessão.

Gostei, porque já se vão encontrando caras novas. Houveram diferentes assaltos ao florete e á espada. Assaltos de sabre não houve nenhum, mas constou-me que antes já tinha havido um.

No dia 9 do corrente no R. C. V. P., houve tambem sessão d'esgrima e realisaram-se diferentes assaltos de florete, espada e sabre.

Oxalá que em todos os outros clubs fizessem o mesmo.

Para concluir vou satisfazer a curiosidade de um amigo meu que me fez a seguinte pergunta: Qual é mais vantajoso, o jogo de pau ou a esgrima de florete.

Antes de responder fui ter com um dos professores d'esgrima e que tambem conhece o jogo de pau, por já ter sido discipulo d'um abalitado professor, e interroguei-o n'esse sentido:

A primeira cousa que o professor d'esgrima fez, foi perguntar-me: o senhor em Lisboa anda de varapau ou de bengala? Claro está que lhe respondi que andava de bengala. Então respondeu-me, que aprendendo primeiramente o florete em seguida o sabre, estaria apto para me defender de qualquer aggressão em Lisboa; mas se fosse para o campo para os saloios, sempre era bom aprender o jogo de pau. Note-se que se o varapau fosse do tamanho d'uma bengala, ainda seria preferivel a este a esgrima de florete.

bre, mas tendo o tamanho que geralmente teem, é preferivel a aprendizagem do pau.

O resto da conversa fica para outra vez que este já vae longo.

SAM.

DIVERSAS

Gymnastica, natação e banhos

Em a noute de 7 do corrente reuniram na redacção do nosso jornal os srs. dr. Cunha Bellem, dr. Euzebio Leão, Luiz Monteiro, Pedro José Ferreira, Ignacio José Franco, José Pinheiro de Mello, Fraga Pery de Linde, Eduardo de Noronha e Anselmo de Sousa afim de combinarem a fórma de applicar ás creanças mais pobres da nossa capital, os enormes beneficios da gymnastica e banhos assim como a criação d'uma ou mais escolas de natação.

O sr. Pedro José Ferreira distinctissimo professor de gymnastica e promotor de reunião, leu um bem elaborado trabalho sobre tão momentoso assumpto, que foi muito apreciado por todos; discutiu-se com enthusiasmo sendo lembrados muitos alvitres; por fim aquelles cavalleiros constituíram-se em commissão para estudar e vér a fórma pratica de realizar a magnifica idéa do nosso bom amigo sr. Pedro Ferreira.

Rally-paper e cross country

Foram de um brilhantismo extraordinario estas duas corridas que se deram ultimamente n'uns terrenos proximos de Cascaes e a que assistiram Suas Magestades as Rainhas D. Maria Amelia e D. Maria Pia, e toda a elta sociedade que frequenta aquella praia na estação balnear.

O terreno foi escolhido pela commissão que era composta dos distinctos sportsmen conde d'Arnos, conde de Sabugosa, visconde d'Assaca, marquez do Fayal, marquez de Abrantes, visconde d'Alferrade, José Ribeiro da Cunha, D. Manuel de Menezes, etc.

O *rally-paper* foi marcado pelos srs. D. Manuel de Menezes, José Avillez e o professor de equitação João Gagliardi.

O *cross country* foi marcado pelos srs. marquez do Fayal, marquez de Abrantes e Gagliardi.

Os corredores do *rally-paper* foram Sua Alteza o Senhor Infante, D. Vasco Sabugosa, Alberto O'Neill, D. Nuno Almada, Jorge Rebello da Silva, José Amado, Sommer, alferes Carvalho da Silva e Mendonça. Esta corrida foi muitissimo animada e disputada, pois a pista era de um lindo percurso e com esplendidos obstaculos. Ficaram vencedores os srs. Jorge Rebello da Silva, que ganhou o premio oferecido por Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, uma rica e linda abetoadura, o premio das senhoras, um bonito alfinete de peito e de valor, foi ganho pelo sr. D. Nuno Almada.

No *cross country* entraram os srs. Jorge Rebello da Silva, D. Nuno Almada, Vasco Sabugosa e alferes Mendonça. O sr. D. Vasco Sabugosa montava um lindo *pur-sang* de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, que venceu todos os obstaculos com uma facilidade extraordinaria, causando grande animação em todos que assistiam a tão elegante divertimento.

O primeiro premio de Sua Magestade a Rainha, um lindo e rico jarro de crystal e prata, foi, portanto, ganho pelo sr. D. Vasco Sabugosa; o segundo premio, um lindo alfinete de brilhantes para gravata, premio das senhoras, pelo sr. alferes Mendonça, que fez a corrida com toda a distincção, montando um cavallo de meio sangue. N'esta corrida deu-se um pequeno incidente, que foi a queda do sr. Jorge Rebello da Silva.

Findas as corridas Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia ofereceu uma taça de champagne aos corredores.

Foi grande a animação que notámos no campo das corridas, vendo-se muitas e elegantes carruagens bem como muitissimos cavalleiros e amazonas.

A escolha do terreno não podia ser melhor, cabendo todos os elogios á commissão, que teve extraordinario trabalho nas pesquizas.

Cerca das 5 1/2 era abandonado o campo, pelo desfilar das equipagens, sendo a do *phaeton* de Sua Magestade a Rainha acompanhado até á cidadella por todos os cavalleiros e amazonas que se achavam no campo das corridas.

E' de esperar que de futuro se repitam estas corridas, falando-se já para o anno no jogo do *Polo*, que no estrangeiro está sendo muito animado e concorrido por toda a sociedade elegante.

Aveiro

Pela primeira vez, realisou-se nesta cidade e no salão nobre de G. Aveirense, uma exposição de chrysanthemos, que, pela variedade e belleza d'alguns exemplares; bem mostrou o cuidado e esmero que os nossos floricultores dedicam á flor da moda.

Foram expositores os srs. dr. Antonio Carlos da Silva, Mello Guimarães, Domingos Cardoso, Firmino Huet, Miguel A. d'Araujo, e Padre Lourenço Salgueiro, que apresentaram flores em vasos, e Gonçalo Huet de Bacellar Sotto-Mayor, Leandro Dias Brandão, Jorge Lucena e Alberto F. Pinto Basto, em flores cortadas.

A exposição que foi immensamente concorrida por tudo que Aveiro conta de distincto, tornou-se nos dias 29, 30 e 31, o ponto de reunião da nossa *élite*, tocando no jardim do Gymnasio a reputada phylarmonica Aveirense.

Dos exemplares expostos, ha a notar um vaso com 53 flores (President W. Smith) de Domingos Cardoso e um outro vaso do Padre Salgueiro com 40 flores. Como novidade tivemos *madame E. Roger*, de Cardoso, *madame G. Bruant*, do dr. Mello, e outros cujos nomes nos não occorrem.

E' a segunda exposição de flores que este anno o Gymnasio realisa, pois que já em maio houve exposição de rosas, que, se se não tornou tão notavel como esta, foi igualmente concorrida e animada.

=Pedimos ao sr. administrador do concelho e commissario de policia, a especial fineza de lançar as suas vistas para a grande quantidade de caçadores que pelo concelho fazem uso d'arma sem licença.

Uma policia correccional de vez em quando, julgo ser um meio excellente e unico de acabar com tantos abusos. Fallaremos com vagar sobre este assumpto, e veremos então se somos attendidos.

Correspondente.

5-11-99.

Gravuras

No proximo numero começaremos a publicar alguns retratos das figuras mais em evidencia na actual guerra Anglo-Boer.

TAUROMACHIA

Legislação

O *Diario do Governo*, n.º 87 de 19 de abril de 1899, publica o seguinte regulamento:

Governo civil do districto de Lisboa

D. João de Alarcão Velasques Sarmiento Osorio, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra, par do reino, e governador civil do districto administrativo de Lisboa, etc.

Usando da facultade que me confere o artigo 251.º, n.º 22.º do codigo administrativo, e devidamente autorisado pelo governo, determino se observe o seguinte:

Regulamento de policia das corridas de touros, em Lisboa

Artigo 1.º O empresario ou promotor de qualquer corrida de touros em Lisboa, será obrigado a apresentar ao governador civil, com antecedencia de vinte e quatro horas, pelo menos, dois exemplares, impressos, lithographados, ou manuscritos do cartaz que annunciar o espectáculo, um dos quaes lhe será entregue, se for approved, ficando o outro archivado.

§ 1.º O cartaz deverá designar a lotação da praça, as pessoas que houverem de tomar parte na corrida, o genero de trabalho a executar e as demais condições do espectáculo, tudo redigido por fórma a não offerecer duvidas.

Isto não excluirá a obrigação do empresario ou promotor da corrida prestar á autoridade todos os esclarecimentos que lhe forem exigidos.

§ 2.º Quando houver de figurar algum *espada*, declarar-se ha no cartaz se esse *espada* é matador de touros ou de novilhos, e não poderá designar-se apenas pela denominação de *espada*.

§ 3.º Em caso de duvida sobre a categoria do *espada* serão presentes á autoridade os documentos que a comprovarem.

§ 4.º O cartaz deverá indicar os nomes dos individuos que formarem a *quadrilha do espada*.

§ 5.º O espectáculo annunciado não poderá ser alterado, nem modificado sem prévio assentimento da autoridade competente, em caso de força maior devidamente comprovada.

§ 6.º A falta de cumprimento das disposições d'este artigo e seus paragraphos sujeita os infractores á multa de 20\$000 réis, estabelecida no artigo 159.º do decreto de 4 de outdubro de 1860.

Art. 2.º Não poderá realizar-se corrida alguma sem previa verificação da competencia dos artistas ou amadores que n'ella houverem de tomar parte, e da solidez e capacidade da praça destinada ao espectáculo.

§ 1.º Considerar-se-hão habilitados os artistas, que a autoridade competente reconhecer como taes, e aquelles que houverem exercido a sua profissão por tempo de dois annos.

§ 2.º Os amadores ou artistas a quem não aproveitar a disposição do paragrapho anterior, serão obrigados a comprovar a sua competencia por meio de attestados de tres ou mais peritos, para tanto considerados competentes pela autoridade respectiva.

§ 3.º A prova da competencia deverá preceder da apresentação dos cartazes á autoridade.

Art. 3.º Não poderão tomar parte em corridas de touros, sem autorisação de seus paes ou tutores, os menores não emancipados; os militares não poderão igualmente tomar parte em qualquer corrida sem a competente autorisação de seus chefes.

Art. 4.º Não será permitido annunciar corridas por meio de bandos, que se apresentem de fórma impropria a percorrer as ruas da cidade.

Art. 5.º Não poderão novamente ser corridos sem as feridas recebidas se acharem completamente saradas, os touros que houverem entrado em qualquer lide.

§ 1.º O gado corrido será marcado com um signal indelevel, e sahirá da praça dentro das doze horas seguintes ao torneio.

§ 2.º Quando o dono dos animais corridos se oppozer a que sejam marcados, não se procederá a essa operação, mas nos cartazes será vedado designar como puro o gado que o mesmo dono fornecer.

(Continua.)

CYCLISTAS !!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a iguala em elegancia, perfeição, leveza, rolaamentos e preço. Prefiram a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT de estrada, é construida para supportar um peso d'un cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 30\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes, Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & C.ª New York America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada), 1\$000 réis semanaes

Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas *Espanita cães*.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY

Columbia

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

DOPE MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN., U.S.A.

NEW CATALOGUE FREE FROM ANY COLUMBIA AGENT
OR BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Companhia Industrial Productora

DE PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27

N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.



JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MOBILIAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemformoso, 148

LISBOA

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote, 720 réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES

MACHINAS PARA COSER

DA SINGER

DE NOVA YORK

PARA FAMILIAS e INDUSTRIALES

POR 500 RÉIS SEMANAES

105, Praça do Loreto, 107

LISBOA

Consultorio dentario Satorio Augusto Paiva

Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de bocca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º